

BOLETIM DO MILITANTE

Nº 20 SETEMBRO DE 1993

A LIBERTAÇÃO DOS POVOS

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Apresentação

Caros companheiros,

Estamos publicando nesse boletim uma palestra de Leonardo Boff sobre os problemas do mundo moderno.

Leonardo Boff desenvolve diversos assuntos com muita profundidade. Sobre os desafios da sociedade moderna. E também sobre o papel do cristianismo para superação desses desafios.

Achamos que, embora possa parecer difícil o linguajar, ou que os problemas não tenham muito a ver com nossa luta pela terra: na verdade trata-se de uma reflexão importantíssima, que tem relação direta, com o porque não é feita a reforma agrária nos países do terceiro mundo. Porque os Estados Unidos continuando dominando e explorando o Mundo. Que papel a igreja oficial/vaticano tem desempenhado nessa conjuntura. Porque os governos do terceiro são tão debeis.

Por outro lado, Leonardo Boff, aponta para o futuro. Para não perdermos a esperança. Sobretudo contra aqueles que já se "venderam" ao capitalismo, e caíram no comodismo. Aos trabalhadores cabe a luta pela verdadeira libertação. Ela é a única alternativa ao capitalismo e às ditaduras do capital.

Um bom estudo.

Secretaria nacional

Quem é Leonardo Boff

Leonardo Boff, foi frade Franciscano, abandonou a Igreja em função das censuras e perseguições do Vaticano. Atualmente é professor de Ética e Filosofia da Religião na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Fundador da Teologia da Libertação. É considerado um dos mais importantes Teólogos da atualidade.

Esse texto foi extraído de uma palestra proferida em Westfallennballe, Alemanha. Foi publicado originalmente no Jornal O Estado de São Paulo, 15/08/93.

O título e sub-títulos foram colocados sem revisão do autor, para facilitar a discussão dos temas.

CRISTIANISMO DE LIBERTAÇÃO RUMO AO SÉCULO 21

Leonardo Boff

1. A REALIDADE DOS POVOS DO MUNDO

Nossos problemas não são ainda do século 21. Mas deste século. Como o cristianismo nos ajuda a sair bem deste século para podermos iniciar um século 21 com mais esperança?

Num ponto estamos todos concordes, os do Sul e os do Norte: vivemos atualmente uma crise radical. Trata-se de uma crise de civilização, quer dizer, uma crise do sentido global de nossa existência neste mundo.

A partir de que perspectiva interpretamos esta crise? Estou profundamente convencido de que importa partir de uma perspectiva de honradez. A perspectiva de honradez é aquela que deixa a realidade se mostrar a si mesma e, portanto, que não encobre a realidade do mundo das grandes maiorias que sofrem, estão desesperadas e têm de morrer antes do tempo. Esta perspectiva é aquela que se elabora a partir do Sul, onde estão os dois terços crucificados da Humanidade, e dos aliados que vivem nos países do Norte.

Mas essa perspectiva é apenas o ponto de partida. Para o ponto de chegada, para uma solução global, precisamos incorporar também as perspectivas daquelas minorias que vivem nos países do hemisfério Norte.

Como está a situação da Humanidade no Sul? O relatório da United Nations Development Programm (UNDP) de 1990 fornecia estes dados:

. mais de 1 bilhão de pessoas (três vezes mais que a população da comunidade européia) vive em absoluta pobreza.

. cerca de 900 milhões de adultos não sabem ler nem escrever.

. cerca de 2 bilhões de pessoas estão sem água potável.

. 100 milhões (a população da França, da Espanha e da Bélgica juntas) estão sem teto.

. 800 milhões vivem permanentemente famintos.

. 150 milhões de crianças, abaixo de cinco anos, são mal nutridas.

. 14 milhões de crianças morrem anualmente antes de completar cinco dias de seu nascimento (Human Development Report 1990, N. York, Oxford, Oxford University Press, 1990).

Outros relatórios de organismos internacionais (FMI, Banco Mundial) dizem:

A dívida externa dos países pobres era, em 1991, da ordem de US\$ 1,3 trilhão. Entre 1983/1990 houve um fluxo de capitais dos países pobres para os ricos da ordem de US\$ 450 bilhões. Isso equivale a dois completos Planos Marshall, plano que reconstruiu a Europa da catástrofe da Segunda Guerra. Por estes mecanismos se entende por que os países ricos, nos últimos 30 anos, triplicaram sua riqueza, enquanto diminuíram em um quarto o volume de trabalho.

Na década de 80, os países da América Latina transferiam para fora cerca de US\$ 200 bilhões como pagamento dos juros de suas dívidas, que somam, ao todo, US\$ 400 bilhões.

Quem ajuda a quem? É o mundo às avessas. Os pobres ajudam os ricos. Os países ricos não precisam mais investir nos países tecnicamente subdesenvolvidos. Basta cobrar-lhes as dívidas. As economias e as exportações dos países pobres são, de antemão, hipotecadas para o pagamento da dívida externa. A situação se agrava ainda mais pelo processo de mundialização, sob o signo do capital mundial.

Efetivamente, encontramos-nos num profundo processo de mundialização da economia, da ciência

e da tecnologia, da comunicação, da informatização e das tendências dominantes da cultura central. Mais e mais se abandona a palavra-chave **desenvolvimento**. Em seu lugar entrou a palavra **mercado**, integração dos mercados continentais no mercado mundial. A palavra mágica que se encontra nas bocas de todos os chefes de Estado é **modernização** ou **modernidade**.

O que está por detrás da expressão **modernização/modernidade**? É a nova utopia social que deve substituir a palavra capitalismo e socialismo. Por quais caminhos se chega à modernização? Proclama-se: pelo neo-liberalismo! O neo-liberalismo tem sido considerado como a culminância da história. Para alguns, o fim da história. Por isso, todos os países devem modernizar-se mediante o neo-liberalismo.

Mas o que é, na verdade, que quer o neo-liberalismo? Digamo-lo com todas as letras: é a fase atual da acumulação capitalista. A base da produção não é mais nacional ou transnacional, mas, sim, mundial. Usa-se para isso a tecnologia mais avançada e limpa que só os países do Norte detêm e não a comunicam aos menos desenvolvidos.

O valor central é a privatização e a conseqüente exaltação do indivíduo. Exige-se a redução do papel do Estado. Ele deve investir menos nas questões sociais, na saúde, na escola, na seguridade social. Propor isso aos países do Sul é condenar à morte multidões de pobres. Por quê? Porque a maioria desses países não fez ainda sua revolução social; e aí o único que cuida da saúde pública, da escola, da moradia e dos serviços básicos é justamente o Estado. Nenhuma empresa investe sem retorno em benefícios sociais.

Os anos 80 são considerados para os países do Terceiro Mundo a década perdida.

Segundo a FAO, os 5% mais ricos da América Latina aumentaram, nos últimos dez anos, suas riquezas em 8%, enquanto os 75% de pobres da população ficaram 13% mais pobres. Quer dizer: o fosso entre ricos e pobres aumentou em 21%.

2. A POLÍTICA DOS PODEROSOS

Os organismos financeiros internacionais e os governos dos países do Norte impõem aos países do Sul uma política conhecida como ajustes estruturais.

Por estes ajustes, as economias nacionais devem se adequar às exigências do mercado dominado pelos países do capitalismo central.

O mercado é apresentado como a grande realidade, como uma lei natural, como a única forma de produção mundial. Não somos contra o mercado sem mais. Mas o mercado capitalista mundialmente integrado possui um mecanismo bem específico que traz perversas conseqüências. Neste mercado só se entra pela **competitividade**, que, por sua vez, possui uma lógica excludente. Só são competitivas as empresas e nações que utilizam as tecnologias mais avançadas raramente repassadas aos demais. Essas tecnologias são responsáveis pela modernização que traz avanços e lucros só aos mais fortes.

No neo-liberalismo, por causa da modernização e da competitividade, está presente uma lógica da exclusão. Os países do Sul, tecnologicamente atrasados, sem suficiente competitividade, com crises políticas internas devido à pobreza e à miséria, não são mais interessantes. Por isso, há neles pouquíssimos investimentos estrangeiros. Nós não valemos, porque estamos fora do mercado. Quem está fora do mercado não existe.

Antes, nas décadas de 60 a 80, havia um tipo de economia que visava o desenvolvimento. Éramos subdesenvolvidos. Queríamos nos desenvolver. Éramos confrontados com o sistema e queríamos ou nosso lugar dentro dele ou transformá-lo. Tínhamos otimismo e esperança.

Agora impera um tipo de economia que visa apenas pagar a dívida externa. Esta, absorve de 35% a 50% dos ingressos de cada país. Somos mais pobres que antes. E perdemos a esperança. Não temos mais esperança de encontrar uma solução de nossos tradicionais problemas dentro do atual sistema mundial. Agora somos excluídos. E os excluídos são confrontados não com o sistema (dele são excluídos) mas com a miséria, a marginalização e a morte. Em muitas partes graça uma cultura de resignação e de desesperança.

Passa-se a idéia de que os países do assim chamado Terceiro Mundo, que é na verdade o mundo dos dois terços da humanidade, não têm futuro nem salvação. Se quiserem contar, devem subordinar-se mais do que antes às políticas econômicas e sociais dos países centrais. Devem obedecer à lógica da mundialização. Os efeitos globais sobre as populações são mais iníquos do que no tempo da colonização.

A mundialização produz uma grande homogeneização, pelo mundo todo. São os mesmos valores do sistema global, as mesmas tendências culturais, o mesmo estilo de consumo. A virulência do mercado está destruindo as culturas indefesas. Tudo fica monotonamente igual no centro do Rio, do México, de Praga ao centro de Paris, de Nova York e de Berlin.

Quando em 1989 se abriu a primeira filial do McDonald's em Moscou, seu representante disse: "Temos a glória de haveremos criado o Big Mac. Ele é igual no Rio, em Nova York, em Tóquio, em Pequim, em Cingapura e, agora, aqui em Moscou." É o mesmo tipo de pão, de carne, de ketchup.

É a mesma fórmula e o mesmo gosto. Esse fato revela a lógica do sistema de mundialização, a homogeneização.

A mundialização transforma tudo num imenso Big Mac, o mesmo estilo de hotéis, de vestuário, de filmes, de vídeos, de música, de programas de TV. Até o Vaticano tem o seu Big Mac. Fabricou um catecismo único e igual para todo o mundo. Ele é igual, com os mesmos pecados e as mesmas virtudes, a mesma mentalidade no Pólo Norte, nos trópicos amazônicos, em Roma, em Bangcoc e no Taiti. É a glória do Big Mac católico.

Passa-se a convicção de que não existe alternativa a este modelo de sociedade. Qualquer alternativa é impossível, como bem o mostrou em seus estudos econômicos, na perspectiva do grande Sul, Franz Hinkelammert.

Não apenas porque não teria força própria para sustentar-se mas, principalmente, porque os poderes atuais não a querem e têm suficiente força para destruí-la (veja-se Nicarágua e o bloqueio férreo a Cuba).

A crise atual é uma crise radical, quer dizer, do sentido fundamental de nossa cultura. Em termos abstratos significa a crise do nosso paradigma. Em termos concretos, expressa a crise do sonho maior e da utopia que deu sentido ao mundo moderno nos últimos séculos. Qual era esse sonho? O desenvolvimento ilimitado, a vontade de poder, manifestada como dominação sobre os outros, sobre povos e sobre a natureza.

Mais que o "cogito ergo sum" (penso, logo sou) de Descartes, é o "conquero, ergo sum" (conquisto, logo sou) de Herman Cortez, conquistador e destrui-

dor do México, que expressa a dinâmica da modernidade. Os papas da época, Nicolau V (1447-1455) e Alexandre VI (1492-1503), conferiram uma legitimação divina ao espírito de dominação dos europeus. Em nome de Deus concederam às potências imperialistas da época, aos reis de Espanha e Portugal, "a faculdade plena e livre para invadir, conquistar, combater, vencer, submeter os pagãos, apropriar-se e aplicar para seus uso e utilidade os reinos, domínios, possessões e bens (...), pois é obra bem aceita pela divina majestade que se abatam as nações bárbaras e sejam reduzidas à fé cristã" (*A conquista espiritual da América Espanhola*, organização Paulo Sues, Petrópolis, 1992).

Descartes e Francis Bacon, mestres do paradigma moderno, diziam a mesma coisa que os papas. O ser humano deve ser "mestre e dono da natureza", deve "meter a natureza numa camisa-de-força, pressioná-la para entregar-lhe seus segredos; devemos colocá-la a nosso serviço como uma escrava".

Para que tudo isso? Para nos desenvolvermos e sermos felizes. A ciência e a técnica são as grandes armas do projeto de dominação dos povos e da natureza, a fim de criar as condições de desenvolvimento e de felicidade do ser humano europeu.

3. CAPITALISMO E SOCIALISMO REAL

O paradigma da modernidade se expressou em dois sistemas sociais antagônicos: o capitalismo e o socialismo.

O capitalismo privatizou os bens e socializou os sonhos. O socialismo socializou os bens e privatizou os sonhos. Explico-me: o capitalismo privatizou os bens (as fábricas, terras e bancos são propriedade privada), mas deixou que os sonhos pudessem se exprimir por todos os meios de comunicação, especialmente pela propaganda e pela televisão. Quer dizer, permite a socialização dos sonhos. Apenas cuida que os sonhos se realizem dentro dos limites impostos pelos interesses do capital. Numa favela pode faltar o pão, mas não o aparelho de televisão. Essa socialização alimenta os sonhos pelas propagandas, novelas e imagens falantes. O socialismo socializou os bens, as terras, as fábricas, a educação. Mas privatizou os sonhos. Somente eram aceitos os sonhos do partido único ou que estivessem em concordância com o único sonho socialista. Todos os demais eram reprimidos e perseguidos.

Hoje podemos fazer um balanço.

O socialismo real fracassou impedindo os sonhos. Impediu a liberdade, a criatividade e, assim, destruiu o senso humanitário. Implodiu.

O capitalismo permite os sonhos. Os sonhos, mesmo falaciosos, sustentam a esperança e prolongam a vida. Por isso, ele continua. Mas os sonhos ficaram só no imaginário...

Por isso, também ele não resolveu nenhum problema que o socialismo se propunha resolver. Antes pelo contrário: os problemas se agravaram mundialmente. Há hoje mais pobreza e mais violência generalizadas do que há cinco anos, tanto nos países ricos quanto nos países empobrecidos.

Qual a suprema ironia? Depois de 500 anos, o sonho do desenvolvimento provocou o subdesenvolvimento da maioria dos países do mundo. A dominação da natureza provocou sua rebelião, ameaçando, pela poluição, pelo buraco de ozônio e por outros desequilíbrios ecológicos, a vida das pessoas e das outras espécies vivas.

O paradigma moderno de poder como dominação do mundo e dos povos levou, entre outros pontos, a três desvios que marcam visivelmente nossa cultura hoje mundializada: o reducionismo na concepção do ser humano, o recalque do feminino e o desrespeito à alteridade e à natureza.

Que imagem de ser humano está por detrás do sonho do desenvolvimento e da prosperidade materiais? É a do homem como um ser de necessidades. Ora, a experiência e os sábios de todos os tempos sempre testemunharam que as necessidades humanas são ilimitadas. Em consequência, para satisfazê-las, o desenvolvimento deve ser também ilimitado. Ocorre que elas nunca, obviamente, poderão ser satisfeitas plenamente. Logo, enquanto o ser humano se orientar por suas necessidades, haverá sempre insatisfação. Mas a natureza agüentará essa dinâmica?

Recordemos a frase de Gandhi: "A terra é suficiente para as necessidades básicas de todos, mas não para a voracidade dos consumistas."

Ora, o ser humano não é apenas um ser de necessidades, como um animal. É fundamentalmente um ser de relações, de solidariedade e de comunhão. Ele pode ter cuidado para com o mundo e ternura para com as pessoas humanas. Ele sonha também para cima, rumo ao desejo absoluto de amor

e de entrega. Ele sonha com Deus. Ele não está condenado a ser cativo de suas necessidades e a ser lobo, mas a ser livre e amigo do outro ser humano.

Essa integralidade não foi realizada pelo sentido de vida da modernidade. Por isso, estamos em crise de identidade, de esperança e de futuro.

4. AS DISCRIMINAÇÕES RACIAIS E DE SEXO

Um outro elemento, entre tantos, que levou à crise atual é o recalque do feminino. Feminino não se identifica com mulher. Feminino/masculino é uma determinação de cada pessoa humana, homem e mulher. Feminino é a dimensão de interioridade, de cuidado, de respeito à vida e ao mistério do mundo, que todos devemos desenvolver. As mulheres realizam a seu modo essa dimensão. Mas os homens também a podem realizar, à sua maneira.

Ocorre que a cultura moderna se assenta sobre o poder. Essa vontade de poder recalcou a dimensão feminina nos homens, nas mulheres, na sociedade e nas religiões. É uma cultura do trabalho para fora, da exterioridade, do uso do poder-dominação nas relações entre os homens e para com a natureza.

Então, temos uma ciência machista, uma sociedade fundamentalmente masculina e igrejas misóginas. Por isso, vivemos num estilo de sociedade pobre, sem a irradiação da "anima". E as mulheres foram as maiores vítimas desse estilo de vida.

Ora, as mulheres são mais da metade da Humanidade e são as irmãs e as mães da outra metade, quer dizer, dos homens. Como pode ser sã uma sociedade que se assenta sobre a violência contra os outros, na agressão contra a natureza e na marginalização das mulheres?

Na Humanidade há diferenças de gêneros, raças, culturas, opiniões, formas de relação com a natureza e religiões.

Como a cultura ocidental, hegemônica, se comportou face à alteridade? De forma trágica. O homem ocidental possui uma imensa dificuldade de conviver com a diferença. Com poucas exceções, a estratégia foi essa: face aos africanos, aos asiáticos, aos indígenas e aos não-brancos utilizou-se a força. Ou para dominá-los, incorporá-los e assim fazê-los iguais ou então para destruí-los. Raramente se fez uma aliança com o diferente para, juntos, serem aliados na grande aventura da vida.

Dramática foi a relação dos europeus com as

culturas originárias da América Latina no século 16. A não-aceitação do outro provocou o maior genocídio da história. Em um século aproximadamente 50 milhões de pessoas foram mortas ou morreram em consequência da violência da conquista.

O desrespeito atinge também uma outra grande alteridade que é a natureza. Ela não é acolhida em sua autonomia, possuindo um valor em si mesma, independente do uso humano, uma vez que ela já existia há milhões de anos antes da emergência da espécie "homo". A terra e a natureza são reduzidas a um conjunto de recursos, disponíveis à ganância do ser humano, que se entende como seu senhor. O nível de degradação da qualidade da vida é tão visível que são dispensadas quaisquer outras considerações.

5. QUE DESENVOLVIMENTO QUEREMOS

A questão que agora se coloca é esta: é possível manter a lógica do desenvolvimento ilimitado e, ao mesmo tempo, evitar a depredação da natureza e a produção da miséria no mundo?

Para superarmos a crise precisamos elaborar um novo sonho e articular um novo sentido de vida. No dialeto religioso, diríamos, precisamos de uma nova espiritualidade, de um encontro novo com o sentido axial da vida e da história, decifrado como o mistério do mundo, a razão da evolução, numa palavra: Deus. Importa assumir a verdade dos sistemas já vividos numa síntese realística e não verbal, síntese humana e espiritual.

O capitalismo criou uma cultura do eu sem o nós. O socialismo criou uma cultura do nós sem o eu. Agora precisamos da síntese que permita a convivência do eu com o nós. Nem individualismo nem coletivismo, mas democracia social e participativa. Precisamos fazer uma autocorreção com referência à concepção do ser humano, à integração do feminino e à aliança com a natureza. Daí nasce a nova espiritualidade.

Talvez a melhor definição que se tem dado ao ser humano seja esta: ele é um nó de relações, voltado para todas as direções. Isso significa que ele é pessoa, quer dizer, um ser aberto (ex-istência) a dar e a receber, à participação, à solidariedade e à comunhão. Todos estes termos mostram que os

caminhos humanos são de duas mãos. Quanto mais o ser humano se comunica, sai de si, se doa e recebe o dom do outro, mais pessoa ele é.

Portanto, a própria compreensão do ser humano como relação faz dele um sujeito singular (um eu) que, ao mesmo tempo, está em comunidade (nós).

Esta realidade humana precisa ganhar uma expressão política para além do socialismo e do capitalismo. Precisamos, se quisermos sobreviver coletivamente, construir uma democracia social. Essa talvez seja hoje a palavra-chave no ideário político mundial: democracia social. Como uma mesa, ela se sustenta sobre quatro pernas, como no-lo recorda sempre o Betinho:

A participação: o ser humano é inteligente e livre, não quer ser apenas beneficiário, mas participante do projeto coletivo. Só assim ele se faz sujeito da história. Esta participação deve começar de baixo para cima, para não excluir ninguém.

A igualdade: resulta da participação de todos. Cada um é singular e diferente. Mas a participação impede que a diferença se transforme em desigualdade. É a igualdade na dignidade e no direito que sustenta a justiça social. Junto com a busca de igualdade vem a equidade, isto é, a proporção que recebo pela minha colaboração na construção do social.

A diferença: deve ser respeitada e acolhida como manifestação das potencialidades das pessoas e das culturas e como riqueza nas formas de participação. São as diferenças que revelam a riqueza da mesma e única Humanidade.

A comunhão: o ser humano possui subjetividade, capacidade de comunicação com sua interioridade e com a subjetividade dos outros; é capaz de valores, de compaixão e solidariedade com os mais fracos e de diálogo com a natureza e com a divindade. Eis a espiritualidade.

Essas quatro pernas vêm sempre juntas e compõem o novo sonho de uma Humanidade comunitária, participativa, solidária e espiritual. Ela nos educa a limitar, pessoal e comunitariamente, os próprios desejos por amor aos desejos coletivos. Assim garantiremos o bem comum humano juntamente com o bem comum cósmico

Esta democracia aberta terá mais possibilidade de integrar a dimensão do feminino nas pessoas e na cultura. Não apenas a racionalidade, a eficiência e o

trabalho devem contar na vida humana. Mas também a gratuidade, a ternura, o cuidado para com a vida, a convivência prazerosa, a veneração pelas coisas. Ora, essa dimensão é expressão do feminino nos homens e nas mulheres.

As mulheres poderão estar em pé de igualdade com os homens, juntos, homens e mulheres assumirão, cada qual com sua diferença, a totalidade das tarefas familiares e públicas. Não o sexo, mas a pessoa será o valor da referência.

Por causa da participação pública da mulher, certamente, acontecerão mais cuidado, ternura e proteção com referência à vida e à vida dos seres mais fracos ou penalizados pela natureza e pela história. Por causa da superação do machismo e da integração do feminino, certamente haverá menos conflitos desestruturadores das relações humanas e cósmicas. O ser humano mais e mais se descobre como parte da natureza. Sua relação não pode ser de dominação, mas de convivência numa nova aliança de fraternidade, de respeito e de diálogo.

O ser humano precisa da natureza para seu sustento e, ao mesmo tempo, a natureza, marcada pela cultura, precisa do ser humano para ser preservada e para poder manter ou recuperar seu equilíbrio. Os seres da natureza são sujeitos de direitos, pois tudo o que existe e vive merece existir e viver.

A democracia não pode ser apenas humana e social. Deve ser também cósmica. Que seria da sociedade sem as árvores, sem as águas límpidas, sem o ar puro, sem o brilho das estrelas? O ser humano deve integrar todos estes seres como novos cidadãos. Deve sentir-se ligado como irmão e irmã a todos os seres, das galáxias mais distantes à formiga do caminho. Essa cosmovisão abrirá a possibilidade para uma nova experiência do sagrado e do mistério que sustenta o universo e que as religiões chamaram de Deus.

6. OS NOSSOS SONHOS

A partir desta nova aliança, em função do bem comum humano e cósmico, deve-se redefinir o sentido das transformações sociais.

Até hoje estávamos orientados pelo sonho de grandes revoluções redentoras: a revolução científico-técnica, a revolução burguesa, a revolução socialista e a revolução cibernética. Todas essas revolu-

ções exigiram uma altíssima taxa de iniquidade humana e ecológica. Milhões de pessoas, inumeráveis valores e bens culturais foram sacrificados e perdidos de forma irrecuperável. Hoje, a grande maioria dos homens perdeu a esperança nas revoluções universais válidas para todas as sociedades.

Precisamos, sim, de revoluções para realizarmos as transformações necessárias. Mas o caminho para essas transformações é hoje diferente. Não bastam as transformações estruturais. Precisamos transformar também as subjetividades, pessoais e coletivas.

Acreditamos nas revoluções moleculares. Como as moléculas, a menor porção de matéria viva, garantem a sua vida pela relação e articulação com outras moléculas e com o meio ambiente, as revoluções devem começar nos grupos e comunidades interessadas em transformações. Nos grupos transformam-se as pessoas, suas práticas e suas relações com a sociedade circundante. A partir daí, podemos começar a inundar espaços mais amplos da sociedade.

Essas revoluções moleculares estão em curso no mundo todo: por todas as partes surgem grupos, comunidades, articulações com uma nova consciência de solidariedade para com os oprimidos e marginalizados do sistema, aqui e em outras partes do mundo. São grupos preocupados com a problemática do meio ambiente, dos povos originários; iniciativas de ajuda a quem já se ajuda, que compram e consomem preferentemente produtos dos países pobres; comunidades com novas experiências de grupos dos países ricos com grupos dos países pobres visitam-se mutuamente, elaboram uma consciência comum de novas formas de mundialização que não passam pelo mercado, pela economia e pela tecnociência, mas pela solidariedade, pelo intercâmbio aberto e pelo mútuo aprendizado.

Estamos lentamente regressando à nossa pátria comum. Surge, por todos os lados, uma relação mais benevolente e respeitosa com a natureza. Começamos a conviver com as montanhas, matas, animais, aves e elementos da natureza como irmãos e irmãs, solidários em um destino comum. Lentamente surge um sentido melhor para o desenvolvimento como desenvolvimento social, fazendo dos pobres e excluídos os sujeitos de sua situação.

Estes são os portadores do novo sonho. Eles se encontram em todos os quadrantes da Terra. Importa crer na força redentora desse sonho.

7. O PAPEL DO CRISTIANISMO

Como o cristianismo ajuda nesta imensa tarefa de reconstrução do sentido humano de nossa convivência? Que contribuição oferece para uma espiritualidade verdadeiramente englobante, junto com outras tradições espirituais da Humanidade, ajudando a gestar um sentido novo de viver?

Antes de mais nada, devemos reconhecer, como muitos teólogos já o mostraram, que o cristianismo é cúmplice da crise atual. Ele reforçou com práticas históricas, com textos bíblicos e com outras doutrinas, a ideologia do ser humano, senhor e dominador da criação.

Também a forma como o cristianismo socialmente se organizou, centralizando o poder nas mãos dos homens, excluindo as mulheres e marginalizando os leigos, faz com que ele seja parte da crise atual e não, sozinho, sua pretensa solução. Na perspectiva do Sul ele é ainda muito eurocêntrico, ocidental, excludente e pouco universalista.

O gesto do líder indígena da Bolívia Ramio Reynaga, por ocasião da visita do papa àquele país, em 1985, é simbólico para toda uma linha de pensamento crítico. Ele entregou ao papa uma carta na qual, em nome dos indígenas, dizia:

“Nós, índios dos Andes e da América, decidimos aproveitar a sua visita para devolver-lhe a sua Bíblia, porque em cinco séculos ela não nos deu nem amor, nem paz, nem justiça. Por favor, Santidade, tome de novo sua Bíblia e devolva-a a nossos opressores, porque eles necessitam de seus preceitos morais mais do que nós. Desde a chegada de Cristóvão Colombo, se impôs à América, com força, uma cultura, uma língua, uma religião e valores próprios da Europa. A espada espanhola que de dia atacava e assassinava o corpo dos índios, à noite se convertia em cruz que atacava a alma índia.” O papa nada pôde dizer. Teve uma atitude digna: chorou.

O cristianismo oficial encontra-se comprometido com a cultura da dominação. Por isso, não podemos esperar muito dele. Haja vista a estratégia atual das igrejas centrais, especialmente do Vaticano, de neo-romanizar toda a Igreja, normatizar as conferências episcopais, controlar as teologias vindas da periferia, homogeneizar a doutrina com um único catecismo universal e com outras medidas de controle central. Querem um cristianismo forte na América e

na África, desde que dependente da Europa. Mas não há só o cristianismo oficial. Há também o comunitário.

Dentro do cristianismo comunitário persistem muitas figuras, grupos, movimentos e correntes teológicas que tentam recuperar o sonho de Jesus. Inauguram um novo paradigma de cristianismo benfazejo para a Humanidade e para a natureza.

Dentre as muitas perspectivas da tradição judaico-cristã que nos ajudam a sair bem do século 20 para inaugurarmos com mais esperança o século 21, podemos destacar três: a lógica da inclusão, a nova aliança e a força dos fracos. Esta trindade quer responder aos três desafios fundamentais que vêm da anti-realidade atual. Deve estar presentes na nova espiritualidade.

8. UMA IGREJA DOS POBRES

Há um fato brutal que desafia a consciência humana e o sentido do cristianismo neste final de século: dois terços da humanidade são constituídos por povos literalmente crucificados. A maioria, já dissemos, sente-se excluída, confronta-se com a miséria e a morte.

Certamente, os pobres não aceitarão resignados o veredicto de morte proferido pelos ricos. Lutarão, buscarão solidariedade mundial para sobreviver e participar de um destino comum de justiça e de vida.

Hoje, se as igrejas não tomam a sério os povos crucificados, não sei o que dizem quando falam da cruz do Cristo crucificado e da ressurreição do Crucificado. Se não ouvirem o grito dos oprimidos do mundo, como poderão ouvir a voz de Deus, daquele que as Escrituras dizem ser o Deus do grito, da vida, que escuta o clamor dos escravos do Egito, as lamúrias dos exilados da Babilônia.

Se não dermos centralidade à questão dos pobres e miseráveis do mundo em nossas reflexões e prática cristã, não salvaremos o cristianismo do cinismo e ratificaremos sua irrelevância histórica.

Mas ele pode ser um aliado poderoso dos pobres e oprimidos. Finalmente, somos discípulos de um Pobre, de um prisioneiro político, de um condenado à morte, de um crucificado, Jesus de Nazaré.

Devemos aliviar a dor dos que estão na cruz, devemos tirá-los da cruz e, por fim, apoiá-los em sua ressurreição.

Mas, antes de tudo, devemos comunicar-lhes uma boa nova: se Deus tem um lugar neste mundo, é ao lado deles. Deus se encontra crucificado nos crucificados de nossa história. Mas está na cruz gritando por vida e ressurreição.

É nesse contexto que nós, cristãos, nos lembramos de nossas origens, também de excluídos e crucificados. Precisamos narrar este gesto de solidariedade. O Deuteronomio nos recorda: “Meu pai era um arameu sem pátria” (Dt. 26,5). No primeiro e no segundo milênio antes de Cristo, arameu não designava um povo, mas pessoas de diversas origens, marginalizadas da ordem vigente na Mesopotâmia, na Palestina e no Egito. Vagavam errantes em busca de trabalho. Os hebreus eram grupos marginais desses arameus. Foram escravizados no Egito. É deles que o êxodo se refere quando Deus diz: “Eu ouvi os gritos de aflição diante dos opressores (...) e desci para libertá-los” (Ex. 3,7). E Deus se revela como o “Deus dos hebreus”, portanto, dos excluídos e oprimidos que anseiam por sua libertação (20,2).

Ora, esta opção de Deus pelos excluídos se opõe frontalmente à atual lógica de exclusão da sociedade mundial. Deus inclui todos, a partir dos condenados da Terra.

Essa verdade pode aliviar a cruz que pesa sobre o ombro dos oprimidos que possuem alguma referência de fé. Pode dar-lhes esperança. Deus está com eles.

Mais decisivo é tirá-los da cruz. Só os tiramos da cruz se ajudarmos a construir uma democracia social, uma economia e uma política diferentes, como referimos acima. Não uma política como técnica do poder-dominação, mas como ato amoroso de busca comum do bem comum humano e cósmico. Devemos passar de uma economia do crescimento ilimitado para uma economia do suficiente para todos. Anualmente se aplicam, mesmo depois da guerra fria, US\$ 3 trilhões para a máquina de morte, das armas atômicas e químicas. Com esse dinheiro se poderia dar casa, comida, saúde educação e lazer a toda a Humanidade. Por que não o fazemos?

9. A RESSUREIÇÃO DOS CRISTÃOS

Tirar da cruz é importante. Mais importante ainda é criar as condições de ressurreição. Ressuscitar um

povo é associar-se a ele para que possa conviver em paz com outros povos, desenvolver-se consoante seus ideais humanitários, expressar sua alma nos códigos de sua cultura e sentir-se também pela fé e pela oração Povo de Deus.

Como nós, cristãos, e nossas igrejas nos articulamos para conferir essa esperança aos povos? Tomando a sério a opção pelos pobres. Optar pelos pobres é optar pelas maiorias da Humanidade, por sua tragédia, por suas esperanças. Ao fazer-se igreja dos pobres, a Igreja se torna mais verdadeira, porque mas seguidora do Pobre, Jesus. Nos pobres e marginalizados, a Igreja é diretamente Igreja dos pobres. Nos outros, que não são pobres, mas que fizeram uma opção solidária pelos pobres, ela se torna, por implicação, Igreja dos pobres. No século 21, 70% dos cristãos viverão naquilo que é hoje o Terceiro Mundo. Então, reconheceremos o que disse um eminente teólogo alemão, aliado dos teólogos da libertação, J.B. Metz: “A Igreja católica será, de fato, uma Igreja do Terceiro Mundo com origens históricas no Primeiro Mundo.

“Ninguém pode ficar indiferente diante da tragédia dos pobres. Todos somos implicados e, por isso, mediante a solidariedade com os pobres, nos fazemos também Igreja dos pobres.

A opção pelos pobres e marginalizados constitui hoje o critério de universalidade e credibilidade do cristianismo. Em razão dessa opção, as Igrejas centrais devem ser mais proféticas. Devem pensar menos em sua identidade e em seus interesses corporativos e ocupar-se mais com o homem comum os crucificados da história. É servindo-os, representando a causa dos condenados junto aos formuladores das políticas de ajuda e junto à opinião pública, que elas constroem sua identidade.

Para os cristãos, não há excluídos. Todos estão debaixo do arco-íris do amor do Pai. Os distantes são feitos, por essa opção, próximos. E os próximos, irmãos e irmãs.

Nosso Deus é um Deus encarnado na miséria e duplamente rebaixado. Rebaixado enquanto Deus que se faz homem e rebaixado enquanto homem que se abaixa ao que há de mais baixo no ser humano, ao fazer-se pobre e oprimido. No baixo da história Deus encontrou o seu lugar, lá onde as pessoas não têm os meios suficientes de vida, onde sofrem injustiças que desumanizam, onde são injustamente crucificadas. Não é esse o único lugar de encontro,

mas o lugar privilegiado. Se for esquecido, tornará os demais lugares de encontro com Deus problemáticos. Isso no-lo recorda, comovedoramente, Jon Sobrino, teólogo salvadorenho, tantas vezes ameaçado de morte. Portanto, Deus assumiu o diferente e o mais diferente que é o pecador. Nas palavras fortes de São Paulo, Jesus se fez carne de pecado (Rm. 8,3).

Deus fez uma aliança com o diferente. Não o tratou como nós, ocidentais, o fazemos: como uma ameaça, um concorrente e um inimigo que deve ser derrubado. Fez do diferente um aliado em sua causa no mundo, no resgate da criação. Com Cristo Deus reafirmou definitivamente sua aliança conosco. Por isso, em Cristo não há nem machismo nem feminismo, nem árabe nem turco, nem negro nem branco, mas todos somos uma única comunidade de irmãos e de irmãs, cidadãos do mundo.

Ele fundou esta nova aliança não com palavras, mas com o seu próprio sangue. Esse sangue continua sendo derramado ainda hoje no sangue dos turcos mortos pelo racismo radical da Alemanha, no sangue dos meninos e meninas de rua assassinados em tantas cidades do Brasil e da América Latina, no sangue do índios ianomami da Amazônia, ameaçados de extermínio pelos garimpeiros e pela política de integração do governo brasileiro.

Essa realidade brutal constitui uma tentação à nossa fé na aliança eterna de Jesus, a ponto de um bispo profético da Amazônia brasileira, Dom Pedro Casaldáliga, confessar com infinita tristeza: "Há tempos que sinto o desaparecimento de povos inteiros como um absurdo mistério de iniquidade histórica que converte minha fé em abatimento.

"Transformemos essa aliança do sangue numa atitude política contracorrente, em favor dos culturalmente diferentes de nós, pois, hoje, somos chamados a viver uma cidadania universal e a criar uma democracia planetária.

10. A UNIÃO DOS FRACOS

Certamente, muitos dirão: somos tão poucos, como transformar as relações mundiais? Como viabilizar nossas revoluções moleculares? Para isso, o cristianismo tem uma palavra: há uma força secreta no pequeno, basta que ele seja verdadeiro. A salvação nos foi sinalizada por Israel, considerado pelas Escrituras "o menor de todos os povos" (Dt. 7,7). O Messias libertador foi julgado como o "refúgio da humanidade" (Is. 53,3). E, no entanto, foi por ele

que se realizou para nós o sentido do universo. Precisamos crer na força revolucionária da semente. A conversão do coração, a criação de uma nova consciência solidária e planetária, nossas revoluções moleculares, o sonho de uma democracia social e cósmica nos estão indicando o caminho daquilo que deve ser para toda a Humanidade.

Mas isso somente terá futuro se nós estivermos convencidos da justiça dessa causa e teimosamente a construirmos dia a dia. Somente faremos o caminho de 10 mil pessoas, se tivermos a coragem de dar o primeiro passo, disse certa vez Mao Tsé-tung.

Um fraco mais um fraco não são dois fracos, mas um forte, porque a união faz a força.

Ouvi na Alemanha, nos meus tempos de estudante, uma pequena história que não é uma fábula, mas um fato verdadeiro. Com ela quero terminar minhas reflexões. Certa feita, um camponês capturou um filhote de águia. Criou-o em casa com as galinhas. A águia se transformou aparentemente numa galinha. Um dia o camponês recebeu a visita de um naturalista que conhecia os hábitos das águias. E disse: "Esta não é uma galinha. É uma águia. A águia não cisca o chão como as galinhas. É chamada a voar alto e a estar acima das montanhas." O camponês retrucou:

"Mas ela virou galinha. Já não voa mais." O naturalista respondeu: "Ela não voa agora, mas tem dentro do peito e nos olhos a direção do Sol e o chamado das alturas. Ela vai voar." Certa manhã os dois foram bem cedo ao alto da montanha. O Sol nascia. O naturalista segurou a águia firme, com os olhos voltados para o Sol. E então lançou-a para o alto. E a águia, transformada em galinha, despertou em seu ser de águia. Ergueu vôo. Ziguezagueante no começo, depois firme, sempre e mais alto e mais alto, até desaparecer no infinito do céu matinal.

Companheiros e companheiras de sonho e de esperança, dentro de cada um de nós vive uma águia. Nossa cultura e os sistemas de domesticação nos transformaram em galinhas que ciscam o chão. Mas nós temos a vocação para o alto, para o infinito. Libertemos a águia que se esconde em nós.

Não permitamos que nos condenem à mediocridade. Façamos o vôo da libertação. E arrastemos outros conosco, porque todos escondemos uma águia. Todos somos águias. Leonardo Boff é professor de Ética e Filosofia da Religião na Uerj. Este texto foi extraído de conferência proferida na Westfallenhalle, em Dortmund (Alemanha), numa discussão pública com o teólogo Eugen Drewerman, que combina psicologia e teologia como base para uma crítica ao autoritarismo eclesiástico.

Sumário

Apresentação.....	2
Cristianismo de libertação rumo ao século 21.....	3
1. A realidade dos povos do mundo.....	3
2. A política dos poderosos.....	4
3. Capitalismo e socialismo real.....	5
4. As discriminações raciais e de sexo.....	6
5. Que desenvolvimento queremos.....	7
6. Os nossos sonhos.....	8
7. O papel do cristianismo.....	9
8. Uma igreja dos pobres.....	9
9. A ressurreição dos cristãos.....	10
10. A união faz a força.....	11

**"Se quisermos sobreviver coletivamente, precisamos
construir uma democracia socialista"**

OX 25

ISS 11

EXIB. R. 1